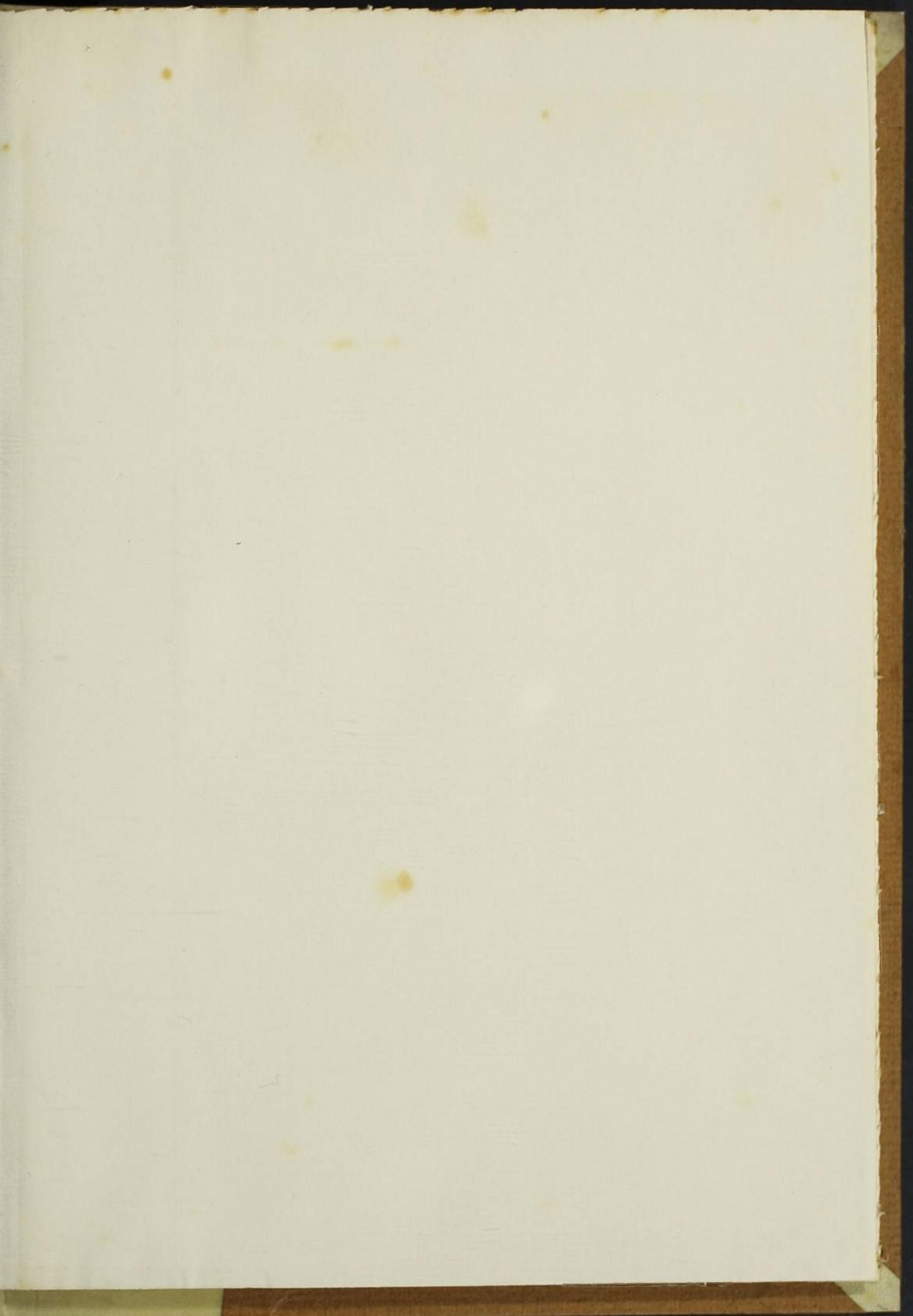
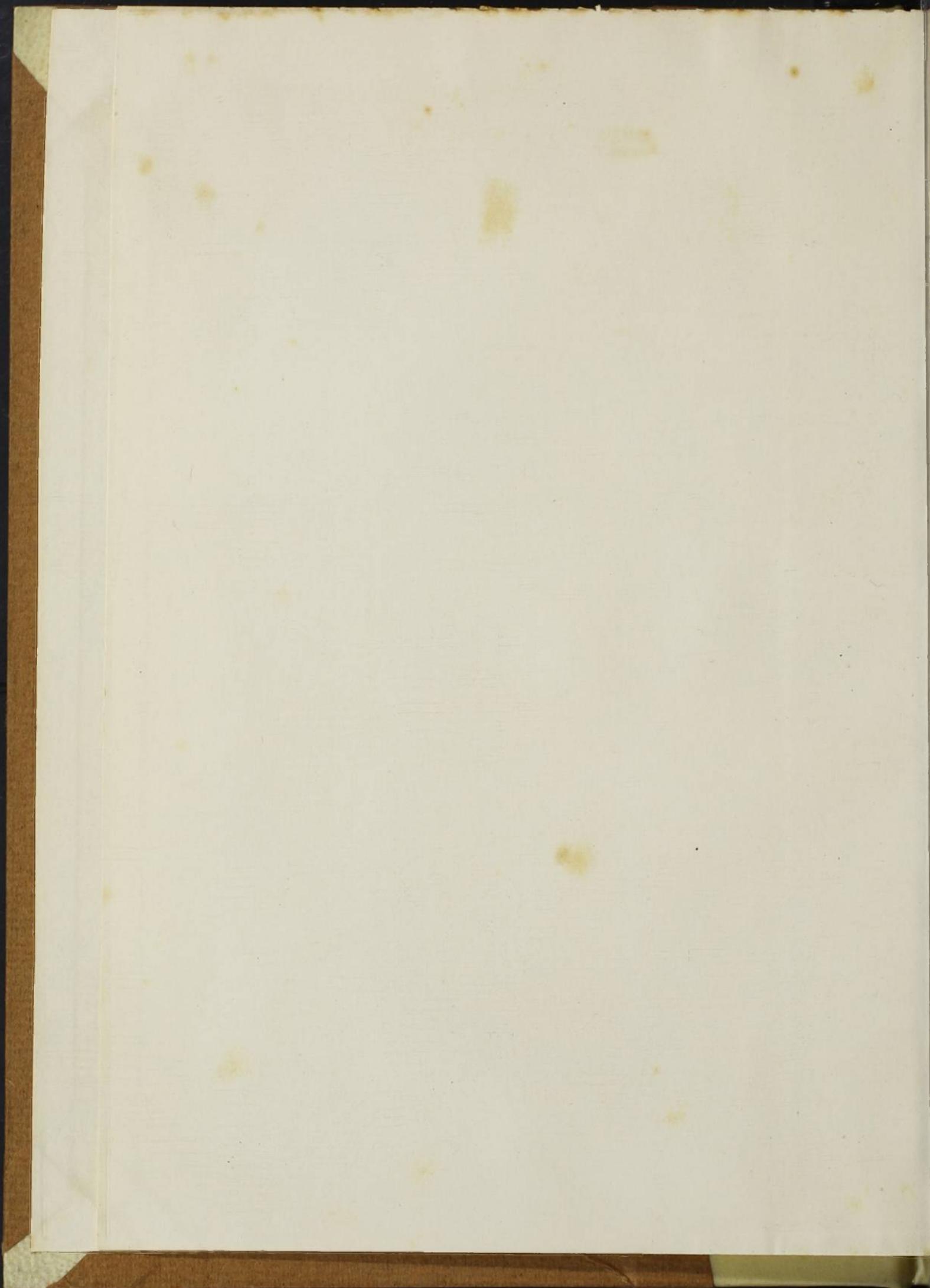


Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin





A
CONVERSÃO

DE

PHILEMON, E ARIANO

ORATORIO EM TRES ACTOS

Composto por

ANTONIO LADISLAU MONTEIRO BAËNA.

MOÇO FIDALGO DA CAZA IMPERIAL, CAVALLEIRO DA ORDEM MILITAR DE S. BENTO DE AVIZ, TENENTE CORONEL DE ARTHILHARIA REFORMADO, ANTIGO PROFESSOR DA AULA MILITAR DA PROVINCIA DO PARÁ, E SOCIO CORRESPONDENTE DO INSTITUTO HISTORICO GEOGRAFICO DO BRAZIL ETC.

Para ser representado

NO THEATRINHO DOS MENINÉAS, E BAËNAS.



PARÁ.

IMPRESSO NA TIPOGRAPHIA DE SANTAREM E FILHO: ARRENDADA POR R. J. DE A. COUCEIRO.



1850.

INTERLOCUTORES.

DIOCLECIANO, IMPERADOR ROMANO.

ARIANO, GOVERNADOR DA THEBAIDA.

PHILEMON, FARÇANTE.

THEONAS, IRMAÕ DO DITO.

THEOTICO, MINISTRO DE JUSTIÇA.

CLAUDIO, CIDADÃO ROMANO.

THEOFILA, IRMÃA DO DITO.

APOLLONIO, DIACONO.

HUM BISPO.

HUM SACERDOTE.

HUM MINISTRO.

FRECHEIROS, E POVO ROMANO.

A Scena he na Cidade de Antinopolis no anno da
Redenção humana 287.

A CONVERSÃO

DE PHILEMON E ARIANO.

ORATORIO EM TRES ACTOS.

ACTO 1.º

SCENA 1.ª

Praça, e nella alguns do povo no fundo a ver os actos de Philemon.

CLAUDIO E PHILEMON. (fazendo uma piroeta e um balancê)

CLAUDIO.

Ja sabemos que hes nascido para nos alegrares, e espojares com riso. Nesta Cidade de Antinopolis não ha quem contigo emparelhe nas prendas: hes fareante e insigne chocarreiro e tangedor de flauta. Este povo por tudo isto te olha com predilecção.

PHILEMON.

Mas nem assim estou melhor de fortuna: a bolsa muitas vezes se vê deserta. Na verdade tanjo flauta, fareanteio, e danço para captar dadivas: porem estas quasi sempre vejo impedidas pela illiberalidade. Quasi todos como tu se contentão com dizer que sou a sua alegria, e disto não se segue cousa, que me embarace dizer não vejo boia. Pois seja assim: nem por isso me hei de arrepear. Toca a divertir: que o mundo não se tolera de outro modo: os seus bens e males não valem mais que dous caracoés.

CLAUDIO.

De óptimo humor tens o dote: he uma boa ventura ser assim compleicionado, e mormente no meio de

tantas entidades prayas que andão no tracto do mundo. Ora ja que indicas vontade de dispender alegrias, começa que eu com gosto te ouvirei.

PHILEMON.

O mesmo Orpheo com a sua Lyra não me ultrapassa; nem Momo com as suas gaifonas provoca mais riso do que eu. Agora vou dar a esta minha flauta a inspiração do ar: escuta. (toca)

CLAUDIO.

Suave tanger! Hes admiravel.

PHILEMON.

Repara na minha agilidade de saltar. (Dança e salta exquisitamente)

CLAUDIO.

Bom: bom.

PHILEMON:

Quatro mãis mui gentis parem quatro filhos mui feios. A verdade pare odio: a prosperidade orgulho: a familiaridade desprezo: e a segurança perigo.

CLAUDIO,

Isso he uma sentença recommendavel.

PHILEMON.

Vou contar-te a origem de me appellidarem chocarreiro. Na praça me ferio nos olhos um grupo artificial de pedra, que representava um touro, hum homem, e uma caza: e de repente proferi que os cornos do touro estavam mal collocados, pois fôra melhor que estivessem mais perto dos olhos ou das espadoas, a fim de dar mais violentas marradas: quanto ao homem quizera que lhe

tivessem aberto uma pequena fresta no coração para assim se verem os seus mais secretos pensamentos: enfim a caza me pareceo muito pesáda para ser transportada quando succedesse haver um mão vizinho.

CLAUDIO.

Isso he engenhoso. Bem mostras que poliste com o uso das sciencias a viveza do teu engenho.

PHILEMON.

São cousas essas das quaes não curo: outros se afadiguem por chegar aos limites da mente do homem terreo: nunca intentei ufanar-me com a sciencia.

Qual he a cousa, qual he ella?

Tem o dom de engraçada:

Poem a mira no illudir,

E acerta em ser lograda.

Não achas esta quadra chistosa?

CLAUDIO.

Muito.

PHILEMON. (como cantando)

Que chova, que vente, que escalde, que gele,
Sempre o toleirão ha de ir ao rio, e a mula com elle.
(ri-se)

CLAUDIO.

Ah! Ah! Ah! Como tens agora a tua inaré de trovar, glosa-me este mote: = Não cuides que o sabes bem. =

PHILEMON.

Levantem-se meus olhos pensativos, e saia um repente, que abone a opinião. Lá vai:

Audej d'aquem para alem,

Terras vi, e vi lugares:

Tudo os seus avessos tem:

O que não experimentares
Não cuides que o sabes bem.

(ri-se)

CLAUDIO.

Bello: bello.

PHILEMON.

Nas farças faço todos os papeis que quero, ou sejam de homem ou de mulher. Eu te repito trechos de alguns: seja o primeiro o do homem cioso. = Quem ouve quem vê por terras estranhas, fará o que eu faço. Oh que boa mestra he a experiencia! Por isso dizia o outro bem, que mais proveito recebião os sisudos dos parvos, que os parvos dos sisudos. Os parvos me ensinaraõ: e não acho um só que queira aprender de mim. Deixai viver estes confiados: eu quero-me confiar de mim, e dos meus olhos, que não he ainda segura confiança, mas não ha outra. Minha mulher desde que me pertence não sairá senão para a cova. Quando eu primeiro morrer, e ella fôr tão ditosa, enião levará boa vida. Os meus filhos creerei que são meus: os alheios suas mãis o saibão. Quanto mais me guardo, então acinte vejo mais continuar por esta rua galantes, namorados, ociosos, mãs caras, invenções, arruidos de noute, assobios, brados, musicas. = Vê agora como representei de velha. = Segurai-me bem esta porta, que se não abra a ninguem até que eu torne: quem alguma cousa quizer, falle de fôra. Quem suspirar, suspire: quem se queixar, queixe: a minha porta está a bom recado, que me custou muito e bom dinheiro. Estes namorados o que fazem he rodear a eaza, espreitar as janellas, ver os que entraõ e os que saiem. Estes meus senhores lembraõ-se do que dão e não do que recebem: queixão-se do amor das mulheres: e o dos homens? Elles são como as andorinhas: vem com o bom tempo, e com elle se retiraõ. Dizem que o seu interesse vem todo do amor, e o nosso do desamor: renego de tal amor que nos quer deitar a perder. = Passo a fazer de Rei. = He preciso que para sustentar o pezo da coroa se applicuem mais hom-bros: pois como o reinar he tão pesado que quanto mais

dura mais fadiga, ja os meus se sentem enfraquecidos: e se lhe não duplico as forças para a segurança os que hoje se vem opprimidos cedo se verão prostrados. = Então que julgas? Tenho ou não prestimo?

CLAUDIO.

He admiravel a tua habelidade: tudo fazes com singular graça: a passagem da velha he para rir. (ri-se)

SCENA 2.^a

Theofila e os precedentes.

THEOFILA.

Logo vi que estavas aqui: onde se acha Philemon não ha tristeza. Hes o desenfado de todos: gosto muito de ti,

PHILEMON.

E eu da sua pessoa pouco ou nada.

THEOFILA.

Que motivo tens?

CLAUDIO.

Não creias, Theofila: elle sempre graceja:

PHILEMON.

Boca, que tanto fallas,
Que pareces de tolo,
Cada cabeça produz
Conforme seu miolo. (ri-se e salta.)

THEOFILA.

Mas que tem isso com eu gostar de ti? Explica-te.

PHILEMON.

Posto que não me pedes segundo o costume patrio tendo na mão um ramo de oliveira ennastrado com fitas brancas de lã: e para que não julgues que hes tida por mim em menor condição que a do Burro de Balaam, ao qual este Profeta não se desprezou de responder, eu to digo não gosto de ti por uma razão geral, porque vossês todas só tratão de bem parecer. Por mais opulentos que se jão es paes, e maridos não ha panno para tão largo cortar, porque nas mulheres o seu giz e tesoura he o seu appetite e teima. Veja-se quantas galas e adereços tem amontoado para si uma destas galés para se pôr à vela: collares, affogadores, manilhas, pentes, fraldelins, arrecadas, aneis, memorias, joias de pedraria preciosa, ramaes de perolas, frasquinhos de aguas aromaticas, e pomadas para fazer as mãos macias e cheirosas. E que tira uma mulher de ser ou parecer formosa? Vaidade. Nada mais. Tira tambem enfermidades, enfados, murmurações e glórias falsas. Na verdade eu reconheço apezar de não olhar bem os Christãos que entre elles as mulheres nesta parte são melhores: dão-se à modestia pudibunda, não trazem os pés enleados em listões de seda e o collo cingido de arrojadores de perolas: todo o enfeite lhes he vedado: nellas he constante a Opa branca e uma trançada coroa de açucenas sobre os cabellos decentemente atados.

THEOFILA.

Mas eu vejo que a mulher Romana sempre vence o homem.

PHILEMON.

Essas forças são da carne, que he o mais forte inimigo que temos. E por isso vossês exercem extremo cuidado em seus atavios. Pois se a natureza adorna a uma mulher com formosura e com singular voz, tem ella logo nessas partes a porta da vaidade.

THEOFILA.

Tens Philemon muito pico na conversação: em tudo manifestas graça.

PHILEMON.

Olha que eu não vivo só do louvor. Se possuo graça, falta-me o proveito: e vossês tem proveito, e não tem a graça que suppoem.

THEOFILA.

O nosso merecimento melhor o conhecco o Pae da esfirpe humana.

PHILEMON.

Boa recompensa tirou disso para si e seus descendentes: elle comeo e nós o pagamos: e não he pequena des-graça morrer pelo que outrem comeo. Theofila, tu te fazes forte com os grasseiros prazeres dos sentidos: folga a teu sabor, espairose com os barbicas trescalando pivetes, os quaes se prendem com qualquer languinhosa que não tem mais que a penna e nunca deixão a janella. Quanto a mim sempre sou independente e zombeteiro nas conversações que introduzio a urbanidade no trato civil, ou no meio dos Platonicos symposios entre as fragrancias dos licores e das taças em circulo dos Ganimedes, dos Narcisos, das Corinas, das Lais, e das Messalinas. Cada um nesta fabrica do mundo representa o seu papel segundo lhe pede o seu genio. Não he assim meu Claudio?

CLAUDIO.

He verdade. Assim não fossem os homens contrariados por outros, cujo poder imperioso e violento não lhes veio da natureza, mas da nossa tolice em os constituir sobre nós mesmos tão largamente. Vê o nosso Ariano Governador da Thebaida, o qual por dar gosto ao Imperador

Diocleciano avexa nesta Cidade de Antinopolis com todas as suas forças a Christandade. Por tanto, meu amigo, o homem não pode uzar livremente do seu genio.

PHILEMON.

Porem isso acontece aos obstinados e aos presunçosos, que não considerão se tem ou não os meios capazes de sustentar o seu alvedrio, e de resistir à opposição da vontade alheia. Os Christãos são imprudentes: desafião até a mesma authoridade contra si. Tiberio quiz colocar o Rei dos Judeos no Pantheon: Adriano lhe erigio Templos: e Alexandre Severo lhe deo cultos: nem assim os malditos se modificarão.

CLAUDIO.

Esta gente compoem hoje seita avultada: ultraja a sacra imagem de Diocleciano; antes quer mil mortes que sacrificar na Ara do Imperador. Junta em fim a devassidão com o fanatismo: e nos dias de Honorio quiz despenhar do Capitolio a estatua da Victoria; e arrancar dos Sanctuarios os patrios Deoses.

THEOFILA.

Os Christãos são intoleraveis: não se emendão nem vendo enfurecer-se a crueldade na perseguição: os immensos tratos, com que o Imperador os vareja, não os desarraigão da sua genial ruindade: e por isso dõ nenhuma lenha de vê-los comprimidos de crueldades.

PHILEMON,

O Imperador quer que elles sacrifiquem a Apollo, e elles recusão-se. Ora, vejaõ que birra! E quem pode compadecer-se de gente tão capitosa? Imitão exatamente os sete filhos de Symphorosa, os quaes não quizerão observar o mandado de Ariano de sacrificar aos Idolos. Os fanaticos Levitas metterão-lhe em cabeça que a mulher de

um vil obreiro deitára ao mundo um Rei promettido, desejado ha muitas eras, que tinha de avassallar todo o Orbe. Dizem que a sua moral he pura: mas vale ella mais que a moral do sabio Socrates? O seu culto lavra na mais vil gentalha: escravos o propagaõ: não sem causa a mòr parte de seus mysterios se compoem de infamias, de crueldades. Não foi sobeja culpa ter querido embrutecer assim a progenie universal, mas inda verter a religião em aula de torpeza e flagicios tão nefandos.

CLAUDIO.

Philemon no que tens proferido nem sombra ha de truanice. Serà isso uma variação illusoria do teu genio bufoante?

PHILEMON.

Não meu Claudio, a materia de adorar a Jupiter não he para ser tratada ridiculamente: eu respeito o culto dos nossos Domicianos, dos nossos Neros, e não o culto dos Christãos o qual me he odioso por extremo. He sò nas festas de Dianna e de Venus, e de Baccho, que a minha alma se desenvolve e folga. Os sectarios de Jezus Nazareno a meu ver são homens pessimos; elles negão adoração à veneranda imagem de Augusto, e pelo pae da patria rejeitão offerecer sacrificios na Ara dos Deoses.

CLAUDIO.

Eu te estimo não só por seres um verdadeiro crente na religião do Imperio, mas ainda por seres um excellente truão. He tempo e antes que o pratique communicarei que logo que se espalhãrão numerosos Christãos por varias partes como gado a quem acouta o furor da tempestade, mostrando-se somente trinta e sete Ministros da lei de Christo com maior constancia, os quaes por essa causa forão encerrados em tenebrosos carceres, o Diacono Apollonio me pediu que por mim soubesses a sua precisão de fallar-te. Se quizeres acudir ao

seu chamado, vai: quanto a mim dei-te a mensagem em cumprimento fiel da minha promessa feita sem considerar que nisso obsequiava a um Christão.

PHILEMON.

Tambem eu não me agrado dessa gente. Mas em fim tenho orelhas, e ellas são para ouvir. Que dizes?

CLAUDIO.

Observa a tua vontade: a minha he dizer-te a Deos. (vai-se)

THEOFILA.

Passo a copiar a auzencia de Claudio. (vai-se)

PHILEMON.

Busquemos o Clerigo Apollonio. E que negocio pretenderà de mim? Quererà ouvir a minha flauta ou as minhas bufonérias? Como quer que seja: movão-se para lá as pernas. (vai-se)

SCENA 3.^a

Sala ordinaria com mesa e sobre ella uma bolsa cheia de dinheiro.

APOLLONIO.

Ao ver os crucis e exquisitos tormentos, que se preparam para vexar os Fieis eu me temo da minha fragilidade, porque conheço que em mim a poderosa mão do Altissimo não depositou aquellas partes, com que sabe formar prodigiosas creaturas: e para evadir o perigo de negar a Christo, não me achando com bastante animo de o confessar a tanto custo, bateo-me na mente o arbitrio de corromper com ouro, e conchavar com elle a Philemon bem conhecido e acceito a todo o povo desta cidade de An-

tinopolis pelas suas prendas de optimo bobo e flautista eximio para que disfarçado vâ em meu nome tributar aos idolos a adoração que exige o ferino Ariano, Governador da Thebaida. Vali-me do pagão Claudio para que o fizesse vir a minha caza: se elle com a obra não desmentio a palavra dada, e se Philemon não repellir a minha proposta, obterei a minha salvação do actual perigo, que abrange os Christãos. (bate-se na porta e Apollonio abre)

SCENA. 4.^a

Philemon e o precedente.

PHILEMON.

Da minha prompta locomoção para esta tua caza creio que não tendes motivo de queixas. Saberei neste momento para que me chamas.

APOLLONIO.

O meu conceito do teu character prestadio alentou-me a pedir-te soccorro nesta occasião para mim urgentissima. Não ignoras que o Governador da Thebaida por comprazer com o Imperador, seu notorio favorecedor, atormenta desalmadamente os Christãos para que elles adorem e sacrifiquem aos Idolos do Imperio. Já forão encarcerados nos ergastulos alguns da grei de Christo: e busca-se angumentar a quantia dos perseguidos. Não tardará que tambem com igual intento não venhão extrahir-me deste meu domicilio: eu preciso não ser paciente do mal, que vejo propinquo, pois não me fio das minhas forças para essa luta.

PHILEMON. (com riso mofador)

Acaso queres que eu em teu lugar vâ padecer o encerro de uma masmorra e os tormentos subsequentes? Ora mui louco hes se pensas que um homem cá do meu vidonho, tão prazenteiro e amador das ledices deste mun-

do seja tão nescio que por mero obsequio a um Christão vá acompanhar no martyrio os Christãos teimosos em acreditar no seu Jesus Christo. Isso para mim he um monte, que não tomo às costas nem para subir ao Ceo, qual foi a intentona dos Encelados, Tiphéos, e Briareos. Talvez a tristeza te salteasse: bom he dissipá-la. Eu te faço este beneficio, tangendo a minha flauta: a musica espanca a melancolia mais de pressa que a herva nepenthes.

APOLLONIO.

Não he isso, meu amigo, que eu preciso.

PHILEMON.

Nada: nada. Hei de tanger, hei de saltar, hei de rir: eu bem vejo na tua cara a afflicção, que te conturba: e neste pouco tempo da nossa entrefalla não quero ver-te melancolico: a melancolia he antipatica com o meu genio folgazão. (toca a flauta, dança e ri) Vivão os bufões e Momos com as suas chanças e pulhas: de que serve sem prazer uma bolsa farta de doirada chelpa? Não desejo valimento, poder, mando, riqueza: sou pobre, porem livre e independente. Ha quem diga que a miseria acanha os engenhos mais ardidos: porem a profusão os enerva: da mediania tem brotado quasi todos os grandes homens. Para mim aquelle que com pouco se contenta he quem pode chamar-se afortunado. Então tenho ou não grande caco.

APOLLONIO.

Tende paciencia: ouvi-me. Longe de mim a idea de que por minha causa alguém padeça: não, eu não quero nem o minimo sacrificio por meu respeito: o que intento he que tu encoberto com esta minha capa e debaixo do meu nome te apresentes diante do Governador Ariano e tributes aos Idolos o culto que elle ordenar. Este acto não pode ser violento para ti, porque praticas uma acção propria da tua crença, e um beneficio para

mim sem igual, livrando-me dos vexames, em que se achão os Christãos atribulados.

PHILEMON.

Repara em que eu sou mui conhecido do povo e dos Ministros: o disfarce de nada mais serviria do que accelerar os teus padecimentos: não he por essa maneira que has de apartar de ti a sorte formidolosa dos teus correlianos. Se outro melhor expediente imaginares talvez me resolva a servir-te.

APOLLONIO.

Não Philemon, este he o unico praticavel. Nada te repreze. O proposto rebuço ha de ter o considerado effeito: e para mais reforçar o teu natural toma esta bolsa (tira-a de cima da mesa) intumecida de ouro: este luzente metal alaga de alegria qualquer coração, quanto mais o teu com tanta afinidade com o prazer. O ouro he idolo universal: he elle só que no mundo poderá competir no seaherio com Deos: muitas nações ha no mundo que não conhecem a Deos, nenhuma que não adore a este idolo. Deixa aqui a tua flauta, poem nos hombros a minha capa, e comparece na sala do Tribunal de Ariano.

PHILEMON. (recebe a bolsa)

Agora he que tu com este ouro obtiveste da minha cachola a persuasão, enmo Moysés com a sua vara de um dos rochedos do Oreb a agua. Quem pode ser incoucusso vendo os luzes luzes deste idolo tão amado pelos doutos, pelos zòtes, pelos sisudos, pelos zombeteiros, e até pelos simplachos! Este idolo he a mola da paz e da guerra, o encanto universal, a matriz dos vicios e das virtudes, e o suffocador das Leis: emfim pode tudo menos tirar a mancha da deshonra. Não resisto de modo algum: estou cativo; dà cá essa capa: parto ja a re-

presentar o papel que me incumbes. Jupiter Conso, da-
dor de bons conselhos, não me desampares. (vai-se)

SCENA 5.^a

APOLLONIO.

Meu Deos, e Senhor das vidas e da graça, eu vos devo que este Philemon accitasse o meu proposto fingimento: elle me salva do perigo da minha fragilidade: e elle proprio não padece detrimento na sua idolatria, e satisfaz com a minha apparencia simulada o que eu não posso, nem devo fazer. Não bastava que os Judeos e os Pagãos tivessem molestado a Igreja? Era ainda preciso que Nero se constituisse o perseguidor dos Christãos com todo o seu poder Imperatorio, e que nesta perseguição servisse de exemplo constante aos seus successores Domiciano, Trajano, Marco Aurelio, Severo, Maximino, Decio, Valeriano, Aureliano, e Diocleciano, no qual se conta a decima persecução da Igreja? Ha pois tres seculos que ella he atacada quasi continuamente, e hoje pelo edicto promulgado se quer abater as Igrejas e queimar as Santas Escripturas. Outros edictos se hão publicado, os quaes fazem correr torrentes de sangue em todas as Provincias do Imperio: he inaudita e desatinada a crueza, que se pratica na Mosopotamia na Syria, no Ponto, no Egypto, na Phrigia; e esta mesma Antinopolis tem visto os Christãos nas torturas as mais espantosas. Quem poderá ler sem lagrimas e sem horror profundo os Historiadores Ecclesiasticos, testemunhas oculares de uma parte dessas barbaras scenas, em que se virão os seguidores de Christo? E que relação que toda a terra foi inundada de sangue de Levante ao Poente? Far-tem-se todos esses crús perseguidores da Igreja de Jezus Christo: Deos que não falta a esta sua Igreja, a sustentará visivelmente em tão horrivel prova e lhe proporcionará o soccorro à medida da violencia do ataque e do refinamento da crueldade. (vai-se)

ACTO 2.º

SCENA 1.ª

SALA DE TRIBUNAL.

Ariano sentado numa cadeira perto da boca do Theatro: proximo delle um Ministro em pé: e no fundo da sala povo e soldados frecheiros.

ARIANO.

Os Cristãos não desistem de gritar um sò Deos, author universal do Ceo e da Terra, e que sò elle deve ser adorado: eu tambem não desistirei de mandar que para elles ferva o chumbo, ergão-se as cruzes, afie se na pedra a seuitarra, e haja no potro asperrima tortura, o seu sangue não cesse de rociar os nossos Idolos.

MINISTRO.

Desse modo não sò fazes justiça, mas ainda a vontade do Imperador, a quem hes aceito com tão especial predilecção.

ARIANO.

Os meus mandos são conformes substancialmente aos mandos de Diocleciano: ambos somos inspirados de igual zelo pela religião Romana, e ambos chegaremos a varrer completamente o Imperio da gente aversa aos seus Deoses. Hoje he o dia deputado para a comparecencia dos Christãos neste Tribunal com o destino ou de desprezarem e abandonarem para sempre a sua falsa e perniciosa crença, ou de acabarem a pessoal existencia por meio dos tratos, que o meu arbitrio lhes prescrever.

MINISTRO.

No desempenho de tão saudaveis deliberações vais

abrirão teu nome perenne fonte de ingente gloria: a luz desse teu feito não se extinguirá com o sopro dos seculos: e o Romano Imperio, que dá leis a todo o mundo conhecido, se ha de ufanar de te haver produzido.

SCENA 2.^a

Philemon e os precedentes.

ARIANO.

Quem hes?

MINISTRO.

Pelo traje parece Christão.

ARIANO.

Pois se he Christão sacrifique.

PHILEMON. (à parte)

Que experimento! Um interior impulso toca no meu coração. No assento mental vagão pensamentos, que nunca tive: até me parece que estou passando para diversa entidade. A palavra Christão soa-me de um modo novo; eu me desconheço: sinto-me movido por particular luz do Ceo.

ARIANO.

Não respondes?

MINISTRO.

Parcece que não está em si.

PHILEMON. (à parte)

Outra intenção nasce no meu entendimento: vou já seguir somente a importante doutrina do Evangelho.

ARIANO.

Se hes Christão dize ja, e sacrifica.

PHILEMON. (à parte)

Apollonio com temor da morte recusou entrar no certame vencido do horror dos tormentos, que a fragilidade lhe fazia. Deos sem duvida me quer purificar no crisol das tribulações: elle suavizarà o jugo para que se não renda a natureza debil ao pezo da carga: sinto-me com o lume da fé, sem o qual he impossivel obrar prodigios. (com firmeza para Ariano) Adoro em Deos a onipotencia: sou Christão, e porque o sou não quero sacrificar imitando os idolatras sequazes do inferno.

ARIANO.

Sacrifica, e forra-te aos tormentos, com que ha pouco acabaraõ miseravelmente Asclas e Leonides.

PHILEMON.

Aparelhado estou para passar por onde elles passarão a troco de chegar onde elles tem chegado. E vergonha havias tu de ter de me allegares com o santo Asclas, lembrando-te do que passastes com elle quando não podias passar o rio. A todos nos lembra muito bem que o santo Martyr apostou contigo que tu à força de tormentos o não farias adorar os Deoses falsos, e elle à força de orações te havia de fazer confessar a Christo por Deos verdadeiro. E com effeito elle salio com a sua, e tu não, porque vindo tu passando o rio, elle coberto de chagas: e com os ossos e entranhas a apparecer, tirando forças da fraqueza, se levantou a orar, e pediu ao Senhor que não podesses chegar a terra sem primeiro confessares seu santo nome. Os ventos estavam espertos, as velas estendidas, os remeiros promptos, mas a barca se tornou im-

movel, e o mesmo succedeo a quantas mudaste, até que enviaste a pedir-lhe partido, e elle te mandou que por escripto confessasses a Christo por um só Deos verdadeiro, Criador de todas as cousas. Assim o escreveste e assignaste, e logo a barca navegou: mas tu attribuiste depois aos poderes da arte magica, e consummaste a sua coroa de martyrio.

ARIANO. (fazendo-se desentendido)

Sacrifica, e salva a tua alma.

PHILEMON.

Isso faço: porque não ha melhor salvar a alma que dá-la por Christo, de cuja Lei quero ser constante professor.

ARIANO. (para o Ministro)

Chamai aqui logo a Philemon, porque elle com suas graças, e momicas, e musica dulcissima, sem duvida ha de mitigar este emperrado...

SCENA 3.^a

Theonas e os precedentes:

MINISTRO.

Por fortuna, Senhor, ali está Theonas, que talvez saiba onde preseptemente se ache Philemon.

ARIANO.

Que he feito de teu irmão?

THEONAS.

He este, que está em tua presença.

{Chega-se o Ministro a Philemon, descobre-o, e conhece-o.}

PHILEMON.

Com certeza aqui o tendes. Esta capa não encobre um homem ruim, nem me serve como a do escravo José nas mãos da Egypcia, sua senhora, a qual falsamente o accusou com ella, e eu com esta sustento de todo o meu coração que sou um partidista militante da Igreja, um cultor de Christo.

ARIANO. (rindo-se)

Ora veja se este homem não nasceo para nos alegrar, e fazer rir: comtudo digo-te que antes te dera uma de tres filhas, que tenho, do que fazer aqui desprezível minha dignidade e officio com semelhantes chanças. E porque acaso os Christãos, que tudo fazem mysterio não presumão que procedias deveras, mando-te que sacrifiques diante delles. Intentar o contrario será o mesmo que procurar que o ethiope mude a pelle negra ou o leopardo a sua remendada.

PHILEMON.

De mim faze o que quizeres: sacrificar digo que não quero, porque ja a graça de Christo, a vocação Divina esforçou os seus raios no meu peito, pegou de mim, e nem posso, nem quero soltar-me della.

THEONAS.

Irmão meu muito estimado, que delirio he este? Torna em ti: deixa de acreditar os Christãos: são uns impostores: são inimigos dos nossos Deoses.

ARIANO.

Conjuro-te pelo estado e gloria dos Romanos que

portergues zombarias, ou que nos digas se affirmas ser Christão com animo verdadeiro.

PHILEMON.

Que tenho eu com o estado e gloria dos Romanos? Juro pela gloria e estado dos Christãos que falo de veras, e que sou Christão, e que não ha outra cousa: e nada temo, porque quanto mais perder pelo amor de Christo, mais ganho.

ARIANO.

A ira no meu peito sinto obrâr qual volcãõ proximo a vaporar pela cratera a lava abrazada, que ameaça e executa juntamente estragos, ruinas, e mortandade. Dou credito a este ultimo desengano: só duvido e pergunto qual será melhor se cortar de um repentino golpe aquella vida perñida, se dar-lhe morte lenta para prolongar a pena.

MINISTRO.

Não prives a Cidade toda das suas delicias e alegria.
(chora)

THEONAS.

Revelai, Senhor, a meu irmão tudo quanto ha dito entregai ão tempo curar-lhe a prezente loucura. (chora)

ARIANO.

Teu coraçãõ compete com os bronze, e os vence: pois não amas esse commum amor, nem estimas que te estimem. Sacrifica, te rogo. não agues, nem derrames fel sobre as festas, que brevemente esperamos.

PHILEMON.

Essas festas, que dizes, não concordãõ com as do Ceo: antes quero saltar áquellas para ser mais digno de me

achar nestas. Essas festas são proprias de vadios: a um Christão occupado tenta um só demonio, e ão ocioso muitos.

ARIANO.

Adverte bem, oh Philemon, que tu não sacrificando perdes as felicidades deste mundo e mais as do outro: as destes porque te hei de matar a tormentos: as do outro, porque não les ainda baptisado: e vòs outros affirmaes que não ha entrar no Ceo sem baptismo.

PHILEMON. (à parte)

Que lança agudissima se vibra contra a minha constancia! O meu coração està altamente vulnerado com aquella advertencia. (volta-se para os que elle entendeo serem Christãos occultos e confusos com a turba) Chamem-me algum Fiel, que me baptise, porque estou em tribulação, e necessito das armas deste Sacramento para contente satisfazer a pensão dos nascidos, a qual Ariano quer que me seja anticipada por meio das crupezas e feridades.

UM DOS CHRISTÃOS OCCULTOS. (à parte)

Não sabe ainda Philemon que basta o baptismo de sangue e o de fogo, que são o martyrio e a contrição com o dezejo do baptismo de agua. Quanto sinto não poder agora avisa-lo!

ARIANO.

Tu bem vês que ninguem se atreve a fazer opposição nem a este magnifico Tribunal, nem àquella manifesta verdade: por tanto rende-te, sacrifica.

PHILEMON. (ajoelha)

Senhor meu Christo Jesus, vejo-me cercado por dentro de duvidas, por fôra de ameaças, sujo para o meu mesmo coração perplexo, nelle levanto com invisivel

ratorio, e falo comvosco não consintas no coração do teu servo esta tristeza: dirige e governa meus caminhos de sorte que possa pelo meio desta turba sair e receber a graça do baptismo.

THEONAS. (à parte)

Custa-me a encarar esta perspectiva: retiro-me.
(vai-se)

SCENA 4.ª

Theotico e os precedentes.

ARIANO.

Theotico, vês em Antinopolis?

THEOTICO.

Desembarquei em Alexandria nesse famoso emporio do Egypto: e dali parti para esta Cidade em cumprimento de ordem do Imperador. Elle tambem ficou disposto para caminhar em direcção a estas partes da região mais conhecida da Africa.

ARIANO.

Que objecto obriga ao Imperador a dar esses passos?

THEOTICO.

Não ignoras que a suspeita nunca se despede do seu espirito: sempre cogita que os seus Ministros se combinão por interesse para o enganarem: tal he o motivo, que o impulsa a viajar pelas Provincias, mormente por aquellas, de cujos Prefeitos desconfia.

ARIANO.

Elle tem razão: em todos os tempos bastantes factos Authorizão esse pensar nos que governão: porem he tal

a sua sorte que a pesar de toda a diligencia no descobrimento da verdade poucas ou raras vezes escapão de tomar por verdade as simuladas representações, que ouvem. Em obsequio da tua chegada vou suspender as funcões de hoje neste Tribunal.

THEOTICO.

Conclue: E depois iremos à tua residencia. Porem que vejo! Aquelle não he o grande fargante Philemon?

ARIANO.

He elle proprio. Desfechou agora com dar mostras de que he Christão: e por isso recusa sacrificar. Disse-me que por virtude dos tormentos, que eu lhe fizer padecer, vai salvar-se no Ceo. Ja lhe poderei que os Christãos segundo a sua confiança em Jesus Christo sem o baptismo não se salvão: deo-se a conhecer afflicto com esta clausula porque não estava baptisado, e alli o vêdes sem decidir-se.

THEOTICO.

Como pode ser! Ha poucò eu o vi na ribeira do visinho rio recebendo das mãos de um Clerigo a agoa do baptismo.

ARIANO.

He illusão. Elle tem subsistido naquelle mesmo logar.

THEOTICO.

Vi-o como te disse: não te continue a duvida.

PHILEMON.

Sim ò Ariano: sim ò turba de pouco animo, sem mercè vossa estou baptisado: porque veio o meu Deus, que a ninguem teme, e me concedeo o que tanto dese-

java: uma nuvem invisivel me levou a esse rio, onde me divisou Theotico, e onde vi pelo baptismo a alma purificada da culpa e reduzida ao gremio da Igreja, e dentro da mesma nuvem me repoz neste Tribunal sem que alguém sentisse a minha ausencia, porque a graça do Espirito Santo não reconhece necessidade de tardanças, nem ha difficil cousa alguma para a Existencia Sempiterna, que de nada fez tudo só com sua vontade. Já agora o Governador da Thebaida sabes que nada da perfeita religião Christãa me falta: portanto determina-te no que has de fazer, que a detença está só da tua parte.

THEOTICO.

O que estou presenciando só pode ser producção de arte magica.

ARIANO.

Duas cousas me retardão, uma commiseração e magoa de ver que endondeceste, outra a pena que este povo hade ter na proxima soleinnidade quando te não ver dançar no theatro, e achar a grande differença de outros imperitos, tocando a tua flauta.

THEOTICO.

Isso he bem suggerido para levantar saudades dos passados gostos, e recordação vangloriosa da estima, que entre todos lograva por ser decorado com multiplicados dons da natureza.

PHILEMON.

Senhor Jezus Christo, não permittas que pensamento algum de infedilidade corrompa o meu coração: e pois ouvistes meus rogos para me ser conferida a graça no sagrado lavacro, agora os ouve tambem para destruir com fogo aquelles infames instrumentos do peccado. Eu me dão dos publicos escandalos, que com o torpe officio de comediante tenho causado: e só de entranhavel vontade

ouvirei e abraçarei os dictames dos que alumeão os povos com o resplendor da doutrina Evangelica.

SCENA 5.^a

Theonas e os precedentes.

THEONAS.

Senhor, venho trazer ão vosso conhecimento que uma nuvem de fogo desceo sobre a caza do Diacono Apollonio, e disparou um corisco, que tornou em cinza a flauta de meu irmão Philemon: deste successo muita gente foi testemunha presencial. E denuncio que o mesmo Diacono dementou a meu irmão, e que a capa que lhe pozera nos hombros foi supersticiosa cerimonia, com que o dedicara a Christo. Assim o declaro por saber que em vòs tenho sitio para semelhantes denunciações.

•
ARIANO.

Parte: vai ja conduzir a este Tribunal esse Diacono.

THEOTICO. (parte Theonas)

Perversa relé são estes Christãos: não pãrão na linha de dar incommodos ão Governo, e de não respeitar as aras erguidas às divindades do povo Romano.

ARIANO.

Pois Diocleciano não cessa de os perseguir, e eu you-lhe na pista.

SCENA 6.^a

Theonas, Apollonio, e os precedentes.

THEONAS.

Perto daqui o encontrei. Não me foi preciso for-

ga para ser obedecido: vem sem constrangimento.

ARIANO. (irado)

Maldito mais que todos os nascidos, dà-me aqui razão porque enfeiticaste a gloria e as delicias desta nobre Cidade? E com que funestos versos infernaes encantaste a tua capa para o apear com ella e tornar apostata da divina religião dos Romanos? Se te moveo o horror dos castigos da minha justa indignação e respeitosa severidade que não achasses para substituir aos sacrificios pessoa menos conhecida e necessaria que a de Philemon: e se o aperto do tempo não deo logar a diligencias mais tardias, e eleição menos errada, não podias occultamente abrir-te comigo sem carregares delicto sobre delicto, ficando agora mais encravado na tua condemnação, e mais indigno da minha clemencia? Porem he tal a dos nossos sacratissimos Principes que ainda te abre o escape e te offerece um livramento, que he sacrificares: porque deste modo tu e Philemon com teu exemplo, ambos ficareis remediados: e eu e este povo nos daremos por ressarcidos. Resta pois que não desdenhes tão salutifero e opportuno conselho, nem da escada, que te lanço para subires, fazer mais alto o teu precipicio: porque pelos Deoses immortaes te juro, ouve e attende bem, pelos da Romana potencia te torno a jurar que á tua custa experimentarás quanto tenho a mão pezada contra soberbos e rebeldes.

APOLLONIO.

Tendes acabado a parlada com gesto irado e sabido: agora me toca responder com animo inteiro e pacato ao que ouvi. Confesso na verdade que pequei, porem não contra ti, se não contra meu Deos e Senhor Jezus Christo, fiando pouco de sua graça, temendo muito de minha fraqueza. Já o Senhor envergonhou, reprehendeo a um Christão com um Gentio, a um Ecclesiastico com um Leigo, a um Diacono com um Farçante, para que em fim se conheça como elle he o que es.

força, o que julga, e o que vence em seus servos: e que na sua mão omnipotente o barro já não he barro, mas diamante, e as folhinhas sêccas podem expugnar torres de bronze. Portanto arrependido da minha culpa confio do perdão della: e que m'ò pode facilitar a mesma occasião, que dei de nascer-lhe mais um martyr: glorioso titulo, de que se eu fugia solitario, agora o venho buscar acompanhado, e ancioso anhelò ja ãos mesmos tormentos, que declinava tímido para compensar de algum modo com a confissão presente a passada deslealdade. Nada me fará perder a constancia, tremer, e gelar.

ARIANO.

Com esta desenganada resposta reserve-me a ira. Soldados esbofeteem o rosto de Philemon: a sua perda mais me dóe e da sua reduccão mais confio.

(dous soldados cumprem a ordem)

O povo chora e Philemon mostra-se alegre nos insultos, que lhe fazem.

THEONAS.

Que teima em meu irmão! Que mudança tão inesperada!

ARIANO.

Como vejo a sua perseverança e alegria no padecer, mando que ambos sejam perforados pelos calcanhares com trados, e mettidas pela perforação cordas, arrastados pela cidade. Quero ver amigo Philemon, como o teu Deus te acode nesta urgente necessidade: quero ver como elle soccorre os seus adoradores nos principios do tormento. Dai-me ouvidos, e sacrificai antes que se pratique a minha ordem e se passe adiante, quando ninguem vos possa livrar das minhas mãos.

PHILEMON. (mostrando-se mais manso)

Se queres que te ouça ouve-me tu primeiro.

(Povo e Ariano alegrão-se)

THEONAS.

Queira Jupiter mover-lhe o coração. (à parte)

ARIANO.

Com essa razão me alegro muito, pois me parece que já dás esperanças de reduzir-te. Exprime o que queres e seràs logo servido.

PHILEMON.

Em todos os seculos Deos tem dado singulares mostras do seu amor, deixando na prodigiosa conversão das creaturas uma admiravel prova da sua omnipotencia. O que quero he que faças vir aqui uma caldeira ou qualquer outro vaso de ferro bem capaz.

ARIANO.

Tragão uma caldeira da proxima caza dos instrumentos mortificantes. (trazem o vaso) Dito e feito: ahí está o vaso.

PHILEMON.

Quero mais que mandes incluir neste vaso uma creança de peitos.

ARIANO.

Vejaõ se está ahí fõra alguma mulher com o filho no collo, e mettaõ a criança na caldeira. (trazem a crianga e a depoem dentro da caldeira)

THEONAS.

Estou em suspensão! Aonde irá parar esta tramoia?

ARIANO.

Que pedes mais?

PHILEMON.

Os frecheiros, que aqui estão, desfirão todos sobre a caldeira até lhes faltarem setas.

ARIANO.

Fação o seu officio. (cada um dos frecheiros dispara todas as setas que tem)

PHILEMON.

Tirem fôra aquella creatura, e vejão se está viva, e se tem alguma ferida ou nodoa.

THEOMAS.

(corre à caldeira, pega na criança, examina-a e admirado a entrega a quem a trouxe)

Està viva, sã, e illesa.

PHILEMON. (para Ariano em tom mui descangado)

Cada dia se refresca a lembrança com os milagres e prodigios que Deos obra com os seus fieis. Tu Juiz, me perguntaste ultimamente onde estava o meu Deos, que me não acudira na minha grave necessidade: agora te respondo e satisfago. Eu sou aquella creatura de peito, pois ha pouco que nasci pelas regenerantes aguas do sagrado baptismo (ainda que tu o não viste): e a protecção divina, que cerca e defende a seus fieis servos: he mais que uma torre de ferro e muros de diamante: logo que mal me podião fazer as setas da tua lingua serpentina, nem quantos tormentos inventar tua diabolica malicia e crueldade? Digo pois que não quero sacrificar, nem tenho medo à tua Potencia, nem me aparte da fé de meu senhor Jesus Christo, na qual intento merecer

ser coroado com a immarcessivel palma na gloria sterna
os famosos Campiões da celeste Jerusalem.

APOLLONIO.

Philemon na mais florente estação da sua idade do-
mnou os brios da natureza, sacrificando as esperanças do
mundo pelas delicias do Céu, voltando em soberana con-
versão os delirios da mocidade para mostrar que a Di-
vina Graça acode sempre a purificar as mais desconcer-
tadas paixões da inclinação humana a quem despido do
mundo quer abraçar as inspirações do Céu.

ARIANO. (levanta-se iracundo)

Eia: ide pendurar ja esse traidor em uma arvore,
e sobre elle um chuveiro de setas siga violentamente as
forças do arco e do impulso. O mesmo supplicio com-
prehenda a Apollonio, que foi a cauza primaz da sua
mudança de culto.

PHILEMON.

Eu parto alegre, meu Ariano, para o martyrio que
ordenas: e tu ficas rangendo os dentes, chammejando pe-
los olhos, escumando e bramando de bravo. He de mui
barbaros o não ceder nem dar por convencidos.

APOLLONIO.

A minha alma vai despôjar a morada terrena para
possuir a celeste.

(Os frecheiros recolhem as setas da caldeira, che-
gão-se a Philemon e Apollonio e com estes partem.)

THEOTICO.

Maravilho-me da fantasia de Philemon, que não quer
ser idolatra. Quo desatino! Que cegueira!

ARIANO.

Tudo será em vão. Ou ha de volver ão que era dantes, ou ha de morrer com toda a deshumanidade nas mãos de robustos algozes. Os Christãos terão o mesmo fim se não arripiarem a carreira no culto do seu infante envolto em pobres palhas. Vejão bem que o meu natural he colerico e mal acondicionado.

THEOTICO.

Por isso o Imperador te honra tanto com a sua amisade: o seu valimento para contigo não tem padecido eclipses.

ARIANO.

Sou seu amigo, seu privado, e por lhe dar gosto nada omitto. Está espalhado pelo mundo o odio de Diocleciano contra o nome de Jesus Christo: eu o imito com bastante prazer, pois que dar cabo dos adoradores desse aborrecido nome he um contentamento, que se empossa da minha alma qual das nuvens relampago fulgente.

SCENA 7.^a

Um dos Frecheiros e os precedentes.

FRECHEIRO.

Governador da Thebaida como mandaste pendurámos em um momento o martyr Philemon. Ferverão os tiros, zunirão as setas cortando os ares: mas que succedeo? Oh maravilhas não sei de quem! Umás, errado o alvo, empregavão-se no tronco da arvore, outras em chegando junto do corpo perdião a força e caião em terra como desmaiadas: outras ficavão no ar suspensas servindo sò como de apontar a nós idolatras o que deviamos admirar naquelle maravilhoso Philemon, o qual entretanto orava dizendo:— Vinde, meu Jesus, amante da verda-

de: vinde em meu auxilio, protector dos desamparados: vinde, e mostrai ão impio Ariano como todos os que em vòs poem sua esperança não serão confundidos. — Eu que vi com os mãis frecheiros faltarem em fim as setas sacodidas do nosso poderoso arco sem que alguma se lograsse, e sò ouvindo os apupos e risadas do povò, vim a dizer-vos o que passava.

ARIANO.

Estou como attonito. Ainda vive?

FRECHEIRO.

Sim Senhor: vive, e està fallando cousas altissimas.

ARIANO.

Não o posso crer se o não vir com meus olhos. Acompanha-me Theotico: sigão-me todos. (vão-se)

SCENA 8.^a

Bosque, dous tumulos no fim, e Philemon pendurado com cordas do alto de uma arvore, e nos ramos e troncos setas pregadas, e outras caídas no chão junto á raiz: povo, e soldados frecheiros.

Ariano, Theotico e Theonas.

ARIANO. (apressado se dirige à arvore, olha para a copa, cai-lhe uma das setas no olho direito, e vasa-o)

A dor exagita-me: corre-me o sangue pelo rosto. Jupiter omnipotente despede os teus raios, extingue a pessima seita do Messias, que empesta o Romano Imperio. Odio

implacavel, guerra incircunscripta ãos vis Christãos: por natural dever, por Lei, por honra aborreço a todos elles. Dependurem esse desventurado. (desatão da arvore a Philemon)

THEOTICO.

Tudo isto não acreditaria se não o presenciasse.

THEONAS.

Pasmo de tanta constancia! e astucia!

ARIANO. (para Philemon.)

Onde aprendeste tão potente magica se nunca trataste com os crentes do Deos de Abram e Isac. O que importa agora he que me restituas o olho, que perdi por tua causa, que bem sei que o sabes fazer, e eu te soltarei.

PHILEMON.

So eu rogar ão grande Adonai, ão meu Deos, e te restituir o olho he certo que attribuiràs às forças da arte magica: porem com tudo, porque não digas que o meu Deos não pode curar-te, ou que os seus servos dão mal por mal, digo-te que depois que me matares e enterraes vás ao meu sepulcro e da terra delle feita lodo com agua ponhas sobre o olho, e receberás luz não sò no corpo, mas tambem na alma, que he a de que mais necessitas.

ARIANO.

Não faço caso dos teus ditos: quero decepar diligões, e sentencio a final que sejas degolado e sepultado onde estão os corpos de Asclas e Leonides. Cumpra-se o que determino. (vão-se todos)

SCENA 9.^a

PRAÇA.

Theofila e Claudio.

THEOFILA.

He progressiva a minha raiva contra os depravados Christãos. Vejam bem a habilidade que tiverão em transformar o nosso ameno Philemon.

CLAUDIO.

E ninguem lhe metteo a asneira no encephado se não o tal Diacono Apollonio. Se eu não dera o recado a Philemon ja este não o buscava, e por isso estaria livre de tormentos, e nós de ficarmos sem o aprazivel folguedo, que nelle tinhamos. Eu resvalei na culpa.

THEOFILA.

Olha quando te ouvi transmittir esse recado não gostei, e estive quasi a dissuadir Philemon: não o fiz para que não me increpassem de abelhuda.

CLAUDIO,

Coitado! Lamentavelmente lhe acabão a existencia.

THEOFILA.

Desgraça tão inesperada quão desmerecida,

CLAUDIO.

Quando teremos outro Philemon tão ataviado como elle de preclaros merecimentos?

THEOFILA.

Elle nos divertia sem nunca emfastiar: até quando escarnecia das mulheres era extremamente jocoso. Não se podia manter sisudeza nos momentos, em que era ouvido censurar as conversações femineas, as quaes elle chamava embate de fallas que se esmurrão, ou balbordas e encontrões de palavras, com que sempre chilreâmos variamente e pipilâmos enredado e confuso palanfrorio.

CLAUDIO.

Se eu governasse espalhava ja e ja todas as Centurias para que a um mesimo tempo operassem uma completa caçada de Christãos sem que escapasse à busca uma sò caza de taipa de sebe.

THEOFILA.

E quem sabe se isso bastaria? Não Claudio: olha que elles são magicos refinadissimos. He melhor encomendarmos a vingança aos nossos Deoses patrios.

CLAUDIO.

Digo-te que até ja tenho medo da christandade. Vê como o Governador ficou sem o olho direito caindo-lho uma das setas pregadas na arvore, em que havião amarrado Philemon, não tendo acertado neste uma só de tantas disparadas por Frecheiros tão habéis como era o Imperador Domiciano o qual mandando a um muchacho abrir a mão, e os dedos espalhados, entre dedo e dedo sem os offender ia pregando as setas.

THEOFILA.

Todavia posto que eu tambem me veja de algum modo receiosa, comtudo a curiosidade ingenita empurra-me a ver o mais que o Goyernador tem ordenado contra os Christãos.

CLAUDIO.

Ariano está na obrigação de ser christianicida igual
ão nosso Imperador: elle não ha de querer desagradar-
lhe. Vã feito: estou resolvido: eu te acompanho: va-
mos. (partem)

SCENA 10.

BOSQUE E DOUS TUMULOS NO FIM.

Ariano e um Criado seu, com uma taça de agua na mão.

ARIANO.

A minha vexação me dà o entendimento, que a mi-
nha crueldade me negava: começo, mediante a bondade
e omnipotencia Divina, a ponderar mais seriamente nas
maravilhas e virtudes dos Santos martyres, que tenho
visto e experimentado. Um impulso interno, que pare-
ce dizer-me que estou predestinado para a vida eterna,
me faz immutar e vir ão Tumulo dos Santos, e segun-
do Phlemon me disse tomar terra do mesmo tumulo,
fazer lodo com agua, e pôr sobre a parte lesa. Assim
o executarei, servindo-me da terra da urna. (extrahe de
dentro della um pugillo de terra) Ella exhala suavissi-
mo cheiro, que admira e recreia. Beijo neste frio pó o
afogueado zelo e ardente amor de um Christão, que mor-
rendo pelo seu Deos conseguiu que a sua victoriosa al-
ma subisse ão Capitolio do Paraizo. (deita uma pinga
de agua na terra, e feito o lodo o poem nas palpebras
do olho falto) Como são perfeitas as obras de Deos!
Do mesmo modo os olhos da minha alma ficarão tão
esclarecidos com o lume da Fé, como quando uma pes-
soa saindo de uma escurissima masmorra dá de repente
com a claridade de um famoso dia. Não posso explicar
o goso e jubilo, o pasmo e admiração, o louvor e agra-
decimento, e varios e extensos affectos, om que a minha
venturosa alma começa a inundar-se subitamente. Ren-
do graças a Deos por me livrar de que o demonio me

infundisse como infunde nos animos dos cegos mortaes odio e raiva contra as reliquias dos Santos e sua veneração. Vou ja clamar pela Cidade:—Eu sou tambem Christão: daqui por diante não sirvo se não a Christo: sò me cumpre temer e servir a Deos.— (vai-se)

CRIADO.

Meu amo implora o favor dos Santos como fez o Cyclope em Homero, o qual tanto que perdeu o olho fez supplicas ao Deos Neptuno, e estendeu as mãos para o Céu pedindo soccorro contra Ulysses quando antes se gloriava do ser desprezador dos homens e dos Deoses. (vai-se)

SCENA 11.

SALA DO GOVERNO.

Ariano, Theotico, um Bispo, Povo, Frecheiros e dous Criados.

ARIANO. (para o Bispo)

Sacerdote summo, em vossas orações confio alcançar de Deos a minha salvação. Eu quiz ser animado com a vossa respeitavel vista, e ao mesmo tempo fazer-vos uma declaração seguida de rogativa: e por isso vos enviei pedir que quizesseis vir a esta caza do Governo da Thebaida. Mandei-vos esperar (aos Criados) porque me faltava a presença do Santo Bispo: agora vos dou as minhas ordens; abirão-se os meus cofres e guarda-roupas, tirem sedas e pannos e aromas preciosos, tudo seja dado aos pobres. Meu Prelado, meu Consolador, quero deixar os Deoses e entrar no fiel aprisco: o meu animo está rendido ao suave jugo da lei Divina: rogo-vos tomeis a vosso cuidado edificar, ornar, e dar o devido culto ao sepulcro daquelles Santos, que eu quando cego com os enganos da infidelidade martyrisei. Abrão-

se (ãos Frecheiros) de par em par os carcereiros, e sejam soltos todos os Christãos, que nelles eu tinha prisioneiros.

BISPO.

O Ceo vos sellou com o sello dos predestinados: não he este o menor dos prodigios da bondade e omnipotencia Divina. Solemnissimo e summamente regozijado será este dia para toda a Igreja attribulada. Ella não cessará de dar graças ao Author de todo o bem, poderoso para fazer em um instante das pedras filhos de Abraam, dos espinhos flores e da peor sizania o mais escolhido trigo. A tua vontade de que tomemos a nosso cuidado o culto do sepulcro dos Martyres vai ser satisfeita: e nós teremos a gloria de os seguir no seu destino.

THEOTICO. [à parte]

Ariano indicar-se Christão! E será isto de veras?

ARIANO.

Não dispendas, Theotico, o tempo com demoras: faze-te meu companheiro: a cruz apresta à Terra amplos triumphos: adora este sagrado lenho, em que se consummou o sacrosanto mysterio da nossa redempção.

THEOTICO.

E queres que eu imite a tua loucura de entrar no pessimo rebanho de Christãos, os quaes não podem viver tranquillos no culto do seu Deos porque este se acha proscripto pelo povo de Romulo.

BISPO. [a Theotico]

A soffrer nascidos somos. O Eterno sempre empregou no homem feliz comprazimento: as vexações, que

por elle se padecem são a estrada infallivel, que conduz ao gozo da vida celestial.

ARIANO.

Ouve, meu Theotico, ouve as palavras, que daqui em diante debes repetir e observar: Deos meu, Senhor meu, é Salvador meu, amo-vos, espero em vós, e creio em vós firmemente sem haver cousa nesta vida, que me possa apartar um instante de vós.

THEOTICO.

Não quero ser Christão: jamais deixarei de saudar a estatua da Victoria, com a qual Octaviano Cezar ornou a salla Julia no Capitolio. Ariano, a fama da tua conversão vai decorrer por todas as orelhas: ella brevemente fará sua baterianas do Imperador: a suspeita, que elle havia formado de ti, o fez expedir-me para esta Cidade a fim de observar-te. Vejo realisada a mesma suspeita: e neste caso serei exacto em cumprir a ordem de prender-te.

ARIANO. [ajoelha aos pés do Bispo]

Humildemente me prostro: estendei as mãos pacificas, Pastor dos povos, e com a benção cobri-me.

[O Bispo dà-lhe a benção, abraça-o, e o ergue.]

BISPO.

A Deos offereço piedosos rogos. Irmão, amparemos da immaculada purissima Virgem Maria, Senhora Nossa, em cujo sagrado nascimento a innocencia de Domilia Lusitana declarou milagrosamente a original pureza da sua Conceição admiravel.

ARIANO. (a Theotico)

Sim: estou prezo. Obedeco com pontualidade e sub

missão ão poder dos vexadores dos Christãos: mas antes que me intrometas no ergastulo tem a benignidade de consentir que eu visite os Santos martyres em seus veneraveis jazigos.

THEOTICO.

Podes ir. Eu te aqompanho, pois a ambos assim convem.

ARIANO.

Meu Pastor, assás patente vos he a precisão deste meu passo. Orai por mim à Clemencia Excelsa.

BISPO.

Homens não te dem susto: não tenhas medo de herdar em martyrios a obra de Adam, que he a Morte: Deos te darà a vida eterna. Eu vou rogar com os Fieis pelos mesmos que estão avidos por applaudir a morte de cada hum de nòs. (vão-se todos)

SCENA 12.

BOSQUE E TUMULOS NO FIM.

Ariano, Theotico, e dous Criados de Ariano.

ARIANO. (ão pé dos Tumulos)

Gloriosos Santos consortes da luz eterna, que mana do posto de Deos, orai por mim a Nosso Senhor Jezus Christo para que me conforte e faça digno de confessar constantemente seu santo Nome, assim como tem feito tantos Santos e varões illustres em virtude.

(Descem duas estrellas sobre os Tumulos ão som de uma breve symphonia.)

Eis duas rutilantes estrellas, que descêrão sobre os Tumulos: o Supremo Rei do Céu e da Terra nunca se descuida de seus servos: por este modo elle honra os

santos corpos dos abalizados Confessores que summamente o venerarão e respeitãrão. Vê, repara Theotico como Deos trata aquelles que deixãrão o pallio da mortalidade nos tratos sofridos pela crença de Christo: repara na fragrancia, que sai deste tumulto: tão suave odor he evidente prova de que este thymiama de perfumes ja exhalava diante do Throno do Cordeiro dominador da Terra.

THEOTICO.

Causa-me isto grande admiracão.

De um dos Tumulos sai a voz de Philemon.

Tem animo, Ariano, e nada temas, porque o mesmo Christo, em que crês, està em tua companhia para te fortalecer, e mostrar por ti sua virtude diante do Imperador, que as violencias de grado propende; e consumado o martyrio coroarte diante do Throno, de seu eterno Pae. Vais morrer, mas para viver eternidades de seculos. Roga por esse homem Theotico, que veio mandado pelo mesmo Imperador em tua espreita e que te prendeo, que Deos o faça tambem participante do conhecimento da verdade.

THEOTICO.

Vejo a cortina donde sai o oraculo: e maravilhoso-me do annuncio fatidico.

ARIANO.

Deos acredita os seus Fieis nesta vida com maravilhas. Não caibo em mim de alegria: e certo da minha fé conduzi-me Theotico à minha prizão. Esperai amigos, (ãos dous criados) pelo meu corpo, porque Diocleciano o mandará precipitar no mar mettido num sacco de areia, e dalli sairá na ribeira às costas de hum Gollinho perto das cinco horas da tarde. Senhor por esse mar, que he criatura vossa, e em que continuamente estaes mostrando o brago do vosso poder, mandai que seja

desempenhado o que acabo de predizer do meu corpo: por tanto (ãos criados) guardai isto na memoria, e safudo na dita hora recolhereis o meu corpo, e o levareis no mesmo sacco a enterrar junto deste sepulcro do meu amigo Philemon.

CRIADO.

Promettemos fidelidade ão que acabaes de recomendar. (vão-se)

ACTO 3.º

SCENA 1.ª

SALA DO GOVERNO.

Diocleciano, Ariano, Theotico, e Frecheiros:

DIOCLECIANO (com modo cortez)

Carissimo irmão Ariano, em quem confiava nestas portas do Egipto.

ARIANO.

Carissimo Senhor Imperador, que estaes feito guia do caminho, por onde hei de ir para a vida.

DIOCLECIANO,

A minha vinda foi a tempo de que Theotico não podesse concluir a tua prizão: nisto experimento particular gosto.

ARIANO.

A um subdito sò cabe exercitar obediencia: assim o farei sem repressão dos meus conceitos puramente intellectuaes em materias de consciencia.

DIOCLECIANO.

Antes que entremos no cenáculo lavar-nos-hemos no Banho, diante cuja porta está armado por ordem minha um altar com a imagem de Apollo, e quando sairmos adoraremos e sacrificaremos ambos.

ARIANO.

Eu sacrifico ão Deos, unico author dos Ceos e Terra. Não posso pôr em esquecimento e desprezo as maravilhas de Deos, que tenho visto no Egipto obradas pelos martyres de Christo: esse idolo Apollo he um cepo afeigoado em forma humana ja com o mago e o escopro, ja com a goiva e o buril: he um fementido simulacro do demonio: e assim tambem o he a Fortuna, Deosa sem olhos e sem juizo a quem Roma deo tantos nomes e dedicou tantos altares: não deixo por nenhum desses idolos a meu salvador Jesus. No Romano Capitolio e Torres Tarpeias valeraõ mais os Patos que os Deozes, porque estes dormião, e aquelles velavão, e por isso forão causa de que Roma lhes devesse o reinar.

DIOCLECIANO.

Eu imaginava que à vista da minha Imperial authoridade junta com os terminos de lhaneza, e com a memoria da amisade passada, Ariano, te reuderias facilmente como derribado com um sepro. Porem vendo eu a tua determinação, e entendendo bem que esta tua resposta he ja a ultima, vou ja ordenar o que mereces. Soldados, saião ão campo, fação uma cova bem capaz e profunda mais de vinte covados: o Governador da Thebaida carregado de grilhões e algemas e cadeas de bronze, e ão pescoço pendurada uma grande pedra, seja arrojado ão fundo dessa cova, e esta depois entulhada de terra e pedras de maneira que fique raza como antes. Testemunhem este acto todos os Officiaes de Justiça e Guerra. Os Soldados

dancem em cima da cova calcadá, e cantem esta letra
=Vejam os se vem Jesus a livrar o seu devoto.=

ARIANO. (com mansidão para o
Imperador.)

Contempla o meu rosto para que o conheças na universal resurreição em o dia grande do Senhor, no dia da ira, no dia em que o Sol se escurecerá, a Lua não dará a sua luz, e as estrellas cairão do Ceo: nesse dia em que as almas do grande e do pequeno virão buscar seus corpôs à sepultura, e talvez a mesma Igreja: e que succederá pela maior parte? O pequeno achará seus ossos em um adro sem pedra nem letreiro, e resussitará tão illustre como as estrellas, e o grande pelo contrario achará seu corpo embalsamado em caixas de porfido aos hombros de leões ou elefantes de marimore com soberbos e magnificos epitafios, e resuscitará mais vil que a mesma vileza. (vai-se com os frecheiros)

DIOCLECIANO.

Estes Christãos são a peste do Estado: com a sua seita perturbativa tem-me perdido os meus melhores subditos. Quem diria que Ariano tão acerrimo perseguidor desta impia gente tivesse a fraqueza de deixar que ella lhe empegonhasse a mente? Theotico acompanha-me. Antes de entrar na minha recamara quero ver Ariano privado dos alentos vitaes à força de tormentos. (vai-se com
(Theotico)

SCENA 2.^a

Sala do Bispo com Oratorio no fundo, de cujo oratorio a porta será coberta com um panno de damasco encarnado, e dentro haverá um altar com banquetta accessa e um docel, que cubra um Crucifixo.

(Do interior do Oratorio sai um Sacerdote de sobrepelliz tange uma campainha para chamar os fiéis, e volta para

o Oratorio. Pouco depois o mesmo Sacerdote abre e fecha o panno da porta logo que o Bispo passa, o qual abençoando antes os que estão na sala assenta-se no faldistorio, collocado junto à porta do Oratorio. O Sacerdote em pé perto do Bispo e junto à parede. Ao som da campainha os fiéis entram na sala e postão-se de um e outro lado com a frente de uns para a dos outros, e todos curvãõ o joelho direito ao lançar o Bispo a benção.)

BISPO.

Amada grei ao meu cajado entregue, por aceno de Deos talvez esta seja a ultima occasião, em que o Pastor que tendes vos ajunta à sombra do seu cajado. Quão poucos dos que estamos ao pé desta Ara (aponta para o Oratorio) tyrannos soffreraõ que a ver-se tornem. Jubilemos Irmãos: lavrada he a cedula do livramento. Livramento eu disse? Disse bem. Que não julgo eu cativoiro masimorras, cepos, que por vòs aguardão. Para um Christão, que avexão crúz tyrannos, não he sitio de dor um calabouço, he jardim de regalo. Uma alma, que depreca, tolha ão corpo sentir que os ferros pêsão: a alma euleva consigo ãos Ceos o corpo. Sigamos os novos Machabeos enterrados nas margens do Anieno junto ão Templo de Hercules. Incrivel multidão de Christãos manietados foraõ afogados em barcas no mar. As prisões, que outrora encarceravão criminosos por homicidio ou desacato de sepulturas rebentavão de immensa quantidade de pessoas innocentes, de heroes de santidade, de Bispos, de Sacerdotes, de Diaconos, de Leitores, de Exorcistas, a não dar sitio para ali encerrar os reos. Fazia pasmar extremamente a invencivel constancia, com que os generosos defensores da Religião sofrião o antigo invento dos Romanos chamado Culeo contra os parrecidas, e aparavão os golpes dos agoutes, com que eraõ debreados, as mordeduras, e rasgões das Féras avezadas a chupar o sangue humano, o impeto dos Leopardos, dos Ursos, dos Javalis, e dos Touros. Em algumas partes os Catholicos eraõ estendidos de costas e lhes emborcavão sobre o ventre

uma bacia de metal cheia de ratos esfaimados: sobre o fundo da qual accendião fogo e os ratos abrigados da fome e da quentura buscavão a toda a pressa pasto e saída roendo vivas as entranhas dos martyres. Indizivel quantia de homens, de mulheres, e de meninos desprezãrão esta vida mortal em defesa da doutrina de Jesus Christo. Uns foraõ queimados vivos, outros lançados ao mar depois de os haverem rasgado com unhas de ferro, e terem padecido quantos tormentos algozes dão: alguns fãõ alegres offerecer os pescoços ao cutello: alguns morrerão nas angustias da tortura, consummidos outros de fome: mulheres em guindastes penduradas por um pé: Virgens mandadas aos alcouces a perderem là a joia da castidade: muitos homens cravados na cruz e até com a cabeça para baixo, e alli os deixavão morrer de fome. Não he facil achar palavras, que exprimão a violencia das dores e a crueldade dos supplicios, que os martyres padecêrão no Egypto. Muito valerosos foraõ: em suas veas por annos a milhares se guardou o sangue para subscreverem com elle o testemunho de Christo. O generoso ar, o sofrimento nobre dos Christaõs em todas as nove perseguições da Igreja hoje na decima se torna a ver sem differença alguma. Os passados exemplos recentemente se observão aproveitados pelo Santo Philemon: e chamo-lhe santo porque o seu martyrio assim o persuade: os exemplos e virtudes dos Santos e Varões justos tambem tem virtude para fazer Santos. Segue-se-lhe Ariano, Governador da Thebaida: considerai quanto vexou os Christaõs, e quanto soffre agora pela Lei de Christo. Não nos cabe, Catholico rebanho, outra sorte no meio da massa de perseguidores da Igreja: devemos rogar a Deos que nos fortaleça e inspire a necessaria constancia tanto a nós como ão nosso irmão Ariano, que na prezença do Imperador vai ser martyrisado. Oremos pela quietação da Igreja vexada com horriveis flagellos: oremos igualmente pelo mesmo Imperador e por quantos perseguem os Cultores de Christo para que Deos se apiade delles e os converta ao seu gremio. Nunca os Christaõs se fação vencidos no fogo e ferro dos Pagãos. padeção crisol, gran-

gem puros a graça. Deos não desampara seus sérvos
ão raivoso Lusbel: mas quer que legiões de Christãos
vistão valentes armas: elle conforta e consola com dons
celestes, e quando surge em campo abalão-se as colum-
nas dos Ceos, tremem os abismos do mar, e as entra-
nhas da terra ante os seus olhos se offerecem nuas: rom-
pe lame voraz da boca do Eterno, sentado em Cherubins
desprega o vôo, despede labaredas, vibra flechas. Já quan-
tiosos seculos tem volvido desde o crime do Pae dos ho-
mens, e Deos em seu furor visita os filhos. No fixo tem-
po flagella o povo réo a golpes duros: às portas lhes
bate, atroa, esperta os ruins nos seus Paços de cedro e de
alões, e derruba os futeis simulacros das suas ditas fugi-
tivas. Feliz quem vive em pranto! Quem busca a Deos,
manancial de bençãos! Feliz quem vio seus erros per-
doados, e em dura penitencia encontra a gloria! Feliz
quem no silencio ergue o edificio de boas obras, e dà
ão Criador a honra da verdadeira adoração, que lhe he
devida. Vós todos, que comeis o pão das lagrimas na
terra ingrata, repeti louvores a Deos Altissimo. Christãos
prostremo-nos em oração: levemos os nossos rogos ao
throno eterno, fixando os nossos olhos na sacrosanta
Imagem de Christo, que está no Altar. (levanta-se e
ajoelha no meio da porta do Oratorio, cuja cortina o
Sacerdote colhe toda para o lado) Gloria seja dada ao
Uno e Trino, Optimo, Supremo, Maximo, igual a si
mesmo, principio e fim de tudo, Bispo perfeito, intini-
to e immutavel. Elle fortifique quantos entrarem na sa-
cra Lista de Martyres. Providencia de Deos, Consolação
de angustias, Descanço da alma, sede em nossa ajuda.

(Levanta-se, abençoa os Fieis, e entra com o Sacer-
dote, que desprende o panno da porta do Oratorio.
Vão-se todos.)

SCENA 3.^a

RECÂMARA IMPERIAL.

Um leito do Imperador, em que está deitado Ariano vivo, alegre e confiado; na grade do mesmo leito estão pendurados os grilhões, algemas e cadeas e a pedra, a que foi amarrado Ariano.

Diocleciano, Theotico, e dous Criados de Diocleciano.

DIOCLECIANO.

Meu Theotico, tenho tomado vingança muito a contento do meu gosto, concluindo gloriosamente a causa do Governador da Thebaida. O meu Apollo não he surdo nem cego como esse Christo Nazareno, que se transfirou no Thabor e alli foi visto por Moysés e Elias segundo relatão os seus sequazes embaidores. Jupiter Ferretrio, que tanto valeo a Romulo, e os outros Deoses do famoso Templo edeficado por Agrippa, sabem todos tapar as bocas blasfemas, que os irritaõ. Ariano ja não pisa a casca do mundo Romano; contentem-se os aborreciveis Christaõs com a chimerica opiniaõ de que elle soltou os espiritos vitaes laureado de martyrio. Vou tomar algum descanso. (ãõ voltar-se para hir ão leito vê nelle o vulto de Ariano e o mais que está pendurado no mesmo leito) Mas que he aquillo que me turba? Que pensamento me occorre nesta vista? Acaso alguns dos meus familiares Palatinos tomaria aquelle atrevimento, ou me faria alguma traicão?

ARIANO.

Não te turbes, que ninguem se levantou contra ti; eu sou Ariano, a quem ha pouco deixaste debaixo de montes de terra, pedras, e areia, e carregado de ferros. Mas porque diceste—Vejamos se vem Jezus livra-lo—com effeito veio, e poz o seu deyoto nesta cama a descan-

çar um pouco do trabalho para que vejas se ha Imperador que prevalece sobre os Imperadores, e se pode livrar os que nelle poem sua confiança.

THEOTICO. [à parte]

As orações de Ariano são causa do abalo, que o meu espirito experimenta.

DIOCLECIANO.

Estou aturdido vendo e ouvindo estas maravilhas: nunca vi tão potente arte magica: porem não abre o coração ao desengano.

THEOTICO. (à parte)

Ja olho com horror para este Diocleciano.

DIOCLECIANO.

Pois bem, ja que os Christãos são dados às magicas sciencias, eu lh'as farei abandonar melhor que o seu Apostolo Santiago, primeiro instructor da fé na parte da Hespanha Lusitana, o qual com ineras palavras conseguiu de Hermoneges e Fileto que jamais as praticassem. O' la apparelhai em continente um sacco, e cozei nelle fortemente a este magico, entulhando-o com area, e precipitai-o no mar.

THEOTICO.

Em que peccou este homem de Deos para o mandares assim lançar ao mar?

DIOCLECIANO.

Por nenhuma outra cousa se nao porque he Mago.

THEOTICO.

Não he Mago: servo de Deos, isso sim, e de um

Deos, que por elle se sujeitão à morte: de um Deos, que em um momento o poudo tirar debaixo de vinte covados de entulho, e deitar na vossa cama vivo e descansado, como estaes vendo, e ja nesta mesma Cidade de Antinopolis ouyi outro servo seu ja defunto falar de dentro da sepultura respondendo ão mesmo Ariano palavras santas e de edificaçãõ e profeticas do que agora vemos ir succedendo, e vi baixar sobre o seu sepulcro duas estrellas fulgentissimas. Não crer o que os mesmos olhos estão testemunhando vai da profunda malicia, com que um se faz indigno de conhecer a Deos: e por tanto eu, a quem sua misericordia abunioi sem irrecimentos meus, estou aparelhado para entregar meu corpo em seu obsequio, certo de que o ha de resuscitar para a vida eterna assim como o tem feito com outros muitos, que deixãõ aromatizada a terra com o suavissimo cheiro de suas preclaras virtudes, e façauhas espirituaes.

DIOCLECIANO.

Ja de tempos atraz podias ter entendido que me ereis accito, pois nunca pediste cousa, que te não concedesse. Agora farei o mesmo: desejaes a morte, te-la-heis, pois a desejaes.

THEOTICO.

Deos reprima oh Imperador a malicia, com que não recusaes deferir ao meu desejo. Mas ainda tenho mais que vos declarar.

DIOCLECIANO.

Qual he? Proponde, e conseguireis.

THEOTICO.

Quero que a metade de meus bens tomeis para vòs, adjudicando-a ão vosso fisco, e a outra se maude repartir entre os pobres.

UM DOS CRIADOS.

Senhor Theotico trate da sua morte, que deseja por honra do seu Christo, e este que cuide dos pobres se puder. Sofra com paciencia a acerbidade das minhas palavras, e dispense-me da sua vingança.

THEOTICO (com mansidão)

Na escola de Christo não se aprende dar mal por mal, mas antes perdoar as injurias de todo o coração e ainda fazer bem aos authores dellas. A obrigação do Christão he deixar os castigos à conta de Deos, o qual diz de si—A vingança he minha, eu lhes darei o pago—

ARIANO.

Para que nos detendes? As ondas do mar estão esperando por nossa gloriosa partida. Não me apartarei da tua presença sem offerecer à tua memoria, uma final declaração: e vem a ser que tu Diocleciano ja que não tens fé do Ceo nem do inferno para mudares do paganismo para a Lei da graça: nem ao menos tens animo por meio de justa reflexão para largares a tua odiosa authority, virás a ter sò da experiencia desse teu primeiro lugar do mundo o desengano para renunciarees o Imperio de hoje a 17 annos no dia dezeseite de Fevereiro: em cujo dia tambem contigo em commum consentimento Maximiano teu collega renunciara o mesmo Imperio; elle em Milão, e tu em Nicomedia.

DIOCLECIANO.

Se assim succeder terei mais tempo para o emprogar em uma mais cruel, espantosa, feroz matança de Christãos. Prepare-se outro sacco tambem com a rea, e metta nelle a Theotico, e lancem logo no mar os dous. Exceda a todas as perseguições dos seguidores da Fé

Catholica a perseguição, que eu lhes faço: todos os meus predecessores inimigos de Jesus Christo comparados comigo neste meu odio do mesmo Christo serão tidos por muito moderados: vejão todos os que seguem os pendões Romanos que só o Imperador Diocleciano teve no peito outro encendido Etna ou Touro de Perillo, que o esbranzeasse no proposito de obrigar o Universo a dar culto religioso aos Deoses da possante Roma, cuja gloria a mais brilhante que virão os seculos offuscou e fez desaparecer toda a magnificencia e fama dos Assirios, Egypcios, Babilonios, Persas, e Gregos.

THEOTICO.

Não he facil de crer quanto os discursos se enganam ainda os mais claros e melhor encaminhados: nem quanto se enganem os homens ainda os mais intelligentes e os mais capazes. Diocleciano no que acabastes de proferir mostraste bem que desconheces ser grande a distancia que ha entre as palavras e as cousas: grande a differença que vai de produzir a perceber, de descorrer a executar.

DIOCLECIANO.

Eu só conheço a minha omnipotencia: sou dominador de Roma, rainha do Orbe: a minha vontade he lei, e o poder de a contrariar só reconheço na divindade de Appollo.

(vai-se)

THEOTICO.

Verás agora ò miseravel Diocleciano se o teu Appollo he para ser adorado. Debalde tens borbotado da boca ameaços e disparado furias: debalde o teu impio orgulho, te quer elevar a par dos Cedros do Libano, cedo verás a reversa parte do quadro. Os Christãos que persegues, obstinados são imitadores do Santo Job na sua admiravel paciencia e sofrimento, com que toleraõ extraordinarias dores e prolongados martyrios, que a não serem assistidos da Omnipotencia Divina mal poderão

suportal-as levando-os Deos pelo asperrimo caminho da
tribulação. [Vai-se com Ariano e Frecheiro]

SCENA 4.^a

SALA DA CASA DE CLAUDIO.

Theofila e Claudio.

THEOFILA.

Muito bem nos vinga dos embusteiros Christãos o nosso querido Imperador. Agramente vão pagando o detrimento que nos fizerão attrahindo para a maldita crença do seu Christo a um Romano tão exornado de pulcherrimas prendas como era Philemon.

CLAUDIO.

Não creias: os Christãos são incapazes de emenda alguma. Nota, repara como elles todos se patenteão satisfeitos nos tormentos, que só vistos arripião as carnes. A furia e rigor, com que são flagellados, tem sido talvez maiores do que forão, na acerbissima persecução de Nero. Não se acanhão às penalidades: persistem em adorar a um Nazareno, que elles mesmos dizem que na columna Pretoria recebeu cinco mil e tantos açoutes pela saúde do genero humano. Que delirio!

THEOFILA.

Ah! Quantas saudades nos deixou o bom Philemon! Era o melhor dos nossos citharedos e histriões.

CLAUDIO.

E que dizes do Governador Ariano?

THEOFILA.

He verdade. Que transformação com a morte de Philemon!

CLAUDIO.

Tambem não he menos notavel o desfecho de Theotico com o Imperador sobre a a extinção da vitalidade de Ariano: esqueceo-se da amizade, que lhe devia, quiz ser martyr: não teve receio nem medo algum em adorar os mysterios da Fé dos nossos acerrimos inimigos. Todos aquelles que se fazem Christãos são de cabeça mais leve que o ar.

THEOFILA.

Claudio só por feiteceria he que estes vís Christãos chegão a operar tantos assombros. O Deos Apollo ajude ão nosso Imperador a dar fim a esta relé preversa, a qual não desanima com os pesos, que lhe estirão os pés quando posta no equileo, nem com as unhas de ferro, que lhe rasgão a carne, nem com os escorpões ou açoutes com rosetas, que a desangrão.

CLAUDIO.

A arto magica, de que elles usão, he na verdade estupenda. Tu não viste como Philemon acabou? Que vexações lhe não praticarão? Que tranquillidade e bom semblante em tudo elle não manifestou? Ariano fez o mesmo, e zombou do Imperador. E ultimamente Theotico os copiou exactamente. Desta arte he de recear que appareção outros muitos, e teremos o infortunio de vermos por terra os Deoses, que iuspirarão Catão, Fabricio, e Numa Pompilio.

THEOFILA.

Eu não espero isso: só se o Imperador parar no caminho da perseguição; porem o modo enurgico, com que

elle procede neste negocio, não nos permite ter esse receio. Confiemos nos Deoses fautores do Romano Imperio.

SCENA 5.^a

Um Criado de Ariano seguido de alguns Christãos, e os precedentes.

CRIADO.

O Deos dos Christãos he um Deos verdadeiro, omnipotente, e senhor de tudo o que vemos e não vemos. Os Christãos são tão innocentes como são horriyeis e incomportaveis as perseguições, que se lhes fazem. As suas accções são gloriosas diante de Deos e de grande utilidade à veneração dos devotos.

CLAUDIO.

Tambem tu estás tocado desses homens artemagicos odiosos a Jupiter?

THEOFILA.

Não profiras fóra daqui essas blasfemias. Considera o que te pode succeder. Isso fica entre nós como demencia perfunctoria.

CRIADO.

Não, meus amados compatricios, eu não estou demente, nem tocado de arte magica: he a minha convicção da existencia de um Ente supremo, que se manifesta com inteira evidencia pelas suas obras fisicas e moraes. Eu e os outros Criados de Ariano na hora assignada por elle fomos ás ribeiras desta Cidade, e alli observámos effeituada a profecia do nosso Amo, pois que vimos dous Golsinhos, cada um com um sacco em cima de si: nós he verdade que esperavamos um só, mas o maior destes Golsinhos se adiantou e encalhando no a-

real da praia depoz a sagrada carga das reliquias, e abrindo a boca saio della uma voz humana que dizia= Não duvideis: este he o corpo de Ariano, o outro he o de Theotico, que com elle no mesmo dia foi coroado de martyrio: leva-os ambos ao sepulcro de Asclas e de Philemon=Obedecendo nòs a tão clara e maravilhosa demonstração da vontade Divina, recolhemos com reverencia aquelles corpos e em forma decente os levamos ao lugar da sepultura daquellas duas flores de martyrio. A vista disto alvoroçados todos os Fieis, e até os mesmos Pagões, concorrerão parte com palmas e ramos parte com cirios e perfumes, e depositos os sagrados penhores sobre dous altares, se formou uma numerosa procissão até o sepulcro dos quatro militantes Evangelicos Asclas, Leonides, Apollonio, e Philemon: em cuja companhia forão collocados, obrando Deos para maior honra de seus servos e celebridade deste dia muitos milagres assim na repentina saúde de varios enfermos, como na cura de muitos energumenos, de que tudo redunda grande cumulo de gloria para Deos, e de consolação e augmento da Christandade. Para o futuro ainda se verá a respeito das santas reliquias destes dous Fieis coroados com a laureola dos Martyres uma porfia e contenda de devoção semelhante à que houve antigamente entre duas Cidades da Palestina sobre as reliquias de uns Santos que os Barbaros martyrisarão. Eu ja não posso duvidar de que Deos he a honra, a gloria, e a magestade: Deos he o imperio, dominação, e soberania: Deos he a graça, a luz, e formosura: Deos he a virtude, fortaleza, e omnipotencia: Deos he a sabedoria, eternidade, e immensidade: Deos he todo o bem, e sobre todo o bem unicamente o bem. Claudio e Theofila imittai-me, vengamos os vicios, e para os vencer he necessario despirmo-nos de todas as paixões da natureza: roguemos a estes Martyres que nos grangeem no Consistorio Divino a mesma coroa que em breve conseguirão neste miseravel desterro, onde tudo são soberbas, ambições, invejas, discordias, contendas, cavilações, enganos, falsidades, traições, violencias.

CLAUDIO.

Grande he o Deos dos Christãos, o Deos dos Martyres! O que sentes Theofila em tua alma? Dize. Eu vejo-me alumiado pelo Ceo, e tocado efficazmente da graça divina.

THEOFILA.

O Deos dos Christãos me fere o coração, e quer que me empregue nos actos de seu amor. Sinto-me arrebatado em espirito para as altaras infameis! Quem até aqui appellidou os Christãos de malvados e de refugio das nações tenha agora outra linguagem, outros sentimentos confessando a sua vida esmaltada de integerrimos costumes, a sua virtude manifestada no padecimento de immensos tratos. Abracemos Claudio o sacrosanto sinal da redempção dos homens, e sejamos sectarios da lei da graça.

CLAUDIO.

Reconheço com a luz da mesma graça a torpeza do Paganismo. Por isso arrependido busco de todo o coração a Jesus Christo, no qual creio, em cuja fé só se pode conseguir a gloria. Quero que me seja conferido o banho salutifero do baptismo: quero professar o seguimento de Christo, filho de um Deos, Senhor de todos os Senhores, e Rei de todos os Reis, Criador dos Ceos e da terra. Elevemos os nossos olhos ao Ceo: oração todos a nossa conversão: ajoelhemos (ajoelhão somente Claudio, e Theofila, e o Criado de Ariano) Oh Deos, e Senhor meu! Por vossa infinita bondade vos rogamus humildemente nos concedaes (dous Christãos vão buscar flores) que vos amemos de todo o coração. Amem-vos, Senhor, estes que tendes aqui prostrados, para que desprezem o mundo, mortifiquem o seu corpo, abominem o peccado. Amem-vos, Senhor, de veras para que nos sujeitemos à vossa vontade. abracemos a vossa cruz, e vivamos de sorte que as potencias d'alma não estejam enleadas com as mundanas ataduras do corpo.

Amem-vos, Senhor, com todas as forças do nosso alento vital, (saíem os Christãos com as flores) para que não tenhamos a morte nem o inferno, e conservemos sempre viva a luz da fé e da vossa graça, e ultimamente cheguemos a lograr a da vossa gloria.

Durante uma pequena symphonia maviosa desce sobre os tres ajoelhados uma Pomba alva, paira um pouco sobre elles, e sobe. Os Christãos depois da asceasão da Pomba derramão ás flores sobre os convertidos, e cantão o seguinte

DUETO CATHOLICO.

Vencemos o Inferno:
Conquistamos a palma.
Deos nos tem feito entrar
Em seus Tabernaculos.

A Igreja, ãos Homens paz;
Aceita he a victima:
O seu sangue vertido
Fará triunfar a Fé.

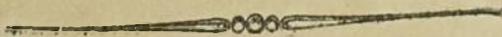
Fundou Christo seu ceino:
Triunfa a Religião:
Satan no negro abysmo
Braveja de ira em grilhões.

FIM.

*Pará Typ. de Santarem e Filho: arrendada por R. J.
de Almeida Caueiro, e Impresso por Luiz Antonio
Pinheiro.—1850.*

ERRATAS.

<i>Pag.</i>	<i>Linhas.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
5	ultima	Tudo os seus avessos tem	Tudo seus avessos tem
11	28	E' tempo e antes	E' tempo de partir, e antes
15	25	enmo	como
18	ultima	doutriua	doutrina
19	9	onipotente	omnipotente
22	4	portergues	postergues
»	20	revelai	relevei
»	23	rogo.	rogo:
23	ultima	com invesivel	um invisivel
26	7	Sempiteura	Sempiterna
32	2	eterna os famosos	eterna entre os famo- sos
36	9	encephado	encephalo
38	30	famoso	formoso
43	15	as violencias	a violencias
»	ultima	puder	poder
44	14	portos	partes
48	2	abrigados	obrigados
50	10	abre	abro
51	18	Hermoneges	Hermogenes
54	20	descorrer	discorrer
56	5	sobre a a extinção	sobre a extinção



Year	Month	Day	Amount	Total
1880	Jan	1	100	100
1880	Feb	1	100	200
1880	Mar	1	100	300
1880	Apr	1	100	400
1880	May	1	100	500
1880	Jun	1	100	600
1880	Jul	1	100	700
1880	Aug	1	100	800
1880	Sep	1	100	900
1880	Oct	1	100	1000
1880	Nov	1	100	1100
1880	Dec	1	100	1200
1881	Jan	1	100	1300
1881	Feb	1	100	1400
1881	Mar	1	100	1500
1881	Apr	1	100	1600
1881	May	1	100	1700
1881	Jun	1	100	1800
1881	Jul	1	100	1900
1881	Aug	1	100	2000
1881	Sep	1	100	2100
1881	Oct	1	100	2200
1881	Nov	1	100	2300
1881	Dec	1	100	2400

16091

1,500 -

p/ Dr. Mindlin - a/c David -

SP

(examined)

